
CRIATIVIDADE DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DO TERRITÓRIO DA FESTA: A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “AFETOS DE REISADO”

Antonio Jarbas Barros de **MORAES**
Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
E-mail: jarbasgeografia@hotmail.com

*Recebido
Abril de 2020*

*Aceito
Maio de 2020*

*Publicado
Julho 2020*

RESUMO: Este artigo trata de pesquisa sobre as festas de reis no distrito de Caraúbas, no município de Graça, no estado brasileiro do Ceará. O objetivo foi analisar as dinâmicas no que se referem a práticas cotidianas no território, ocasionadas pelas festas de reis. É uma discussão metodológica sobre as especificidades da filmagem e da montagem do filme das práticas cotidianas, da convivência com o grupo pesquisado, da imaginação a partir dos afetos, intimidades e contatos ou videografia, dentre outras atividades que convergem na preparação, na execução da festa. Nesse sentido, fez-se o documentário “Afetos de reisado” a partir de imagens reunidas nos anos de 2016 e 2017. A experiência de produção mostrou a criatividade cotidiana, corpos em movimento, ritos, trajes, tensões, convivências dentre outros, no que se referem ao território da festa.

Palavras-chave: Videografia. Afecções. Intimidades. Território.

CREATIVITY OF EVERYDAY PRACTICES IN THE TERRITORY OF THE PARTY: THE PRODUCTION OF THE DOCUMENTARY “AFFOS DE REISADO”

ABSTRACT: This article deals with research on the festivals of kings in the district of Caraúbas, in the municipality of Graça, in the Brazilian state of Ceará. The objective was to analyze the dynamics with regard to daily practices in the territory, caused by the feasts of kings. It is a methodological discussion about the specificities of filming and editing the film of everyday practices, of living with the researched group, of imagination based on affections, intimacies and contacts or videography, among other activities that converge in the preparation, in the execution of the party. In this sense, the documentary “Afetos de reisado” was made based on images collected in the years 2016 and 2017. The production experience showed everyday creativity, bodies in motion, rites, costumes, tensions, coexistence, among others, in what refer to the party territory.

Keywords: Videography. Affections. Intimacy. Territory.

CREATIVIDAD DE LAS PRÁCTICAS DIARIAS EN EL TERRITORIO DE LA FIESTA: LA PRODUCCIÓN DEL DOCUMENTAL "AFFOS DE REISADO"

RESUMEN: Este artículo aborda la investigación sobre los festivales de reyes en el distrito de Caraúbas, en el municipio de Graça, en el estado brasileño de Ceará. El objetivo era analizar la dinámica con respecto a las prácticas diarias en el territorio, causadas por las fiestas de los reyes. Es una discusión metodológica sobre las especificidades de filmar y editar la película de las prácticas cotidianas, de vivir con el grupo investigado, de la imaginación basada en afectos, intimidades y contactos o videografía, entre otras actividades que convergen en la preparación, en la ejecución de la fiesta. . En este sentido, el documental "Afetos de reisado" se realizó a partir de imágenes recopiladas en los años 2016 y 2017. La experiencia de producción mostró creatividad cotidiana, cuerpos en movimiento, ritos, disfraces, tensiones, convivencia, entre otros, en qué referirse al territorio del partido.

Palabras clave: Videografía. Condiciones. Intimidad. Territorio

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta reflexões sobre a videografia associada à produção compartilhada de fontes de pesquisa para reflexões acerca de uma festa de reis. É resultado da pesquisa de mestrado sobre festa de reis desenvolvida em 2016 e 2017, no distrito de Caraúbas, no município de Graça, no estado brasileiro do Ceará. O objetivo da pesquisa foi analisar as dinâmicas no que se referem a práticas cotidianas no território, ocasionadas pelas festas de reis. As diferentes linguagens para abordar o tema são: o texto, a fotografia e o filme, visando contribuir com interpretações diferentes sobre significados que compõem o território da festa. Particularmente, a produção do filme sobre as práticas cotidianas, a convivência com o grupo, dentre outras atividades criativas que se relacionam a experiências compartilhadas na preparação, na execução e na avaliação sobre a festa foram usadas como método, fonte e forma de comunicação da experiência de pesquisa, antes do texto.

Usando a linguagem audiovisual, fez-se o documentário “Afetos de reisado” que pode ser assistido na internet, na plataforma do YouTube, desenvolvido com apoio do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas-LABOME na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Instituição de Educação Superior - IES localizada na cidade de Sobral, no Ceará. Tratam-se de experiências partilhadas no território dos interlocutores. São também sentidos e significados efetuados por afecções mútuas entre pesquisador e pesquisados que equivalem às

relações de envolvimento entre sujeito que pesquisa, que são pesquisados e o processo de criatividade para essa aproximação íntima.

As festas de reis são ações coletivas, práticas e simbólicas que dinamizam e configuram os territórios, mas também são práticas individuais dinamizadas no cotidiano que diversificam e enriquecem a análise. As discussões a respeito das festas, na Geografia, são contribuições indispensáveis, que são possíveis graças ao uso de metodologias que permitem vivenciar tais práticas cotidianamente e, com isso, desenvolver uma compreensão de experiências pessoais com a festa de reis. E estas experiências cotidianas nos reisados que direcionaram a análise deste trabalho, discutindo, especialmente, a videografia.

A experiência íntima de pesquisa, nesta perspectiva, é afecção. Para Favret-Saada (2005), ser afetado é vivenciar relações compartilhadas com o interlocutor que provocam no pesquisador algum tipo de aprendizado sobre o saber e fazer o mundo, via situações involuntárias do cotidiano. É também um exercício de produção de sentidos e significados na relação construída no trabalho de campo, portanto, despossuída de pretensões relacionadas à imparcialidade. A videografia, como método, favorece este movimento de afecção mútua entre pesquisador e pesquisado. Este método também produziu as fontes, assim como foi repercussão da pesquisa com o documentário citado. Este artigo discute conceitualmente esta experiência.

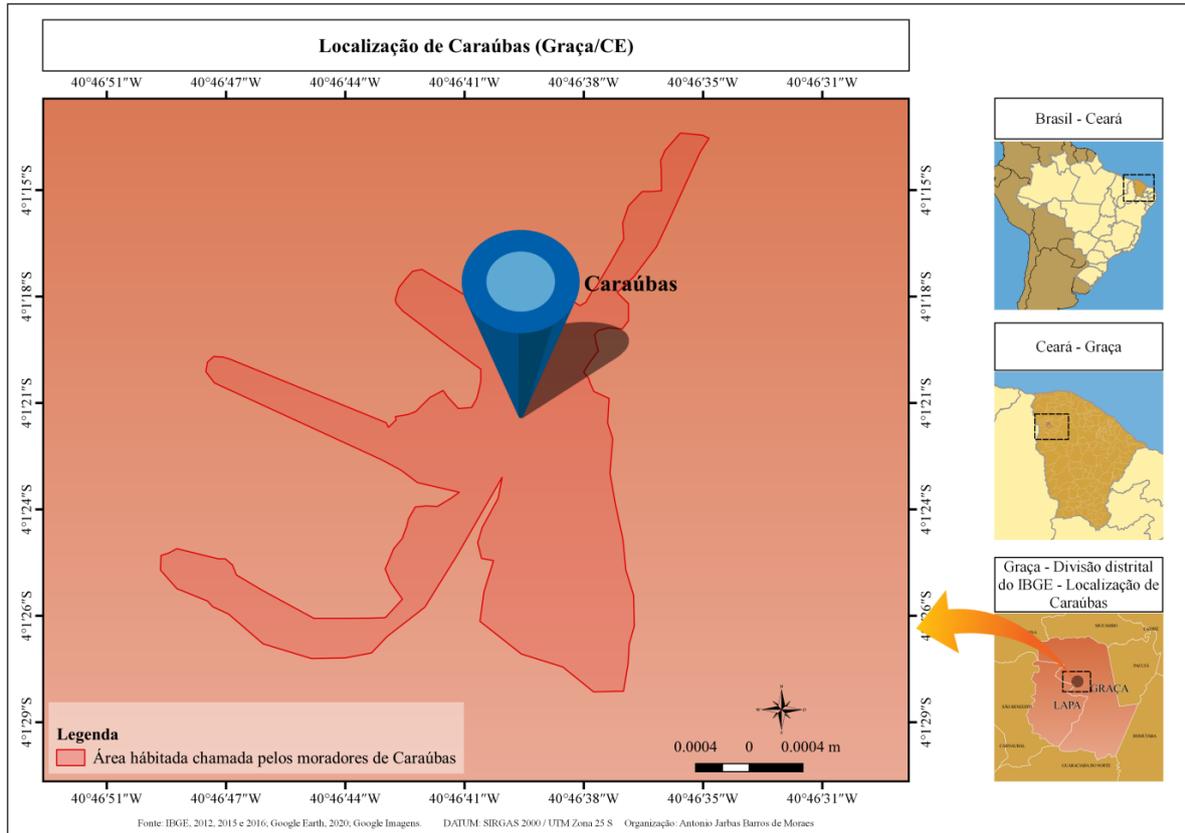
ENQUADRAMENTO DA IMAGEM NA PESQUISA GEOGRÁFICA

No filme “Afetos de reisado” aparece a temporalidade e a espacialidade do período da festa, realizada entre 1 e 6 de janeiro de 2016 e 2017, no distrito de Caraúbas, no município de Graça, no estado brasileiro do Ceará, localização na figura a seguir (Figura 1).

No cotidiano, os diferentes sujeitos inventam o tempo e o espaço a partir de suas astúcias, portanto, inventam o cotidiano. As experiências são marcadas por tempos criativos, fluidos e múltiplos, conseqüentemente, territorializações bastante complexas (CERTEAU, 1996). Não foi possível controlar o que poderia acontecer no momento da gravação. Isso porque o “tempo da festa” compõe um desses tempos cotidianos criativos, tendo suas particularidades no que se refere ao que é permitido ou não fazer (MORAES; FREITAS, 2017), mas também é tempo e espaço de negociação destas permissões, provocando consensos provisórios ou rupturas. Neste caso, o cotidiano é um processo muito pouco constante, coerente e fixo, apesar dos esforços individuais em criar uma ordem estável e

segura de ações. Entende-se aqui que as festas são ações coletivas que dinamizam e configuram os territórios.

Figura 1 - Localização de Caraúbas (Graça/CE)



Fonte: Moraes, 2020.

Na perspectiva de Deleuze e Guattari (1997), o território se dá a partir da noção de multiplicidades coletivas de significação que são desenvolvidas pelos sujeitos dando significados e agindo no que está no entorno. No que se refere à composição de relações visando a construção destas significações e ações, nem sempre são harmônicas. Existem tensões, muitas vezes sutis, que carecem de atenção por parte do pesquisador. Aborda-se essa temática por meio de aspectos epistemológicos e metodológicos da pesquisa, enfatizando a discussão de como a videografia e a experiência compartilhada com os interlocutores embasam interpretações rerepresentando anseios e aberturas para outras reflexões para o pesquisador.

Essa compreensão é também fundamentada na perspectiva de território móvel, onde o território é uma composição de muitos lugares que se cruzam. Há lugares que são transportados para outros a partir da mobilidade do simbólico. O que é particular a um lugar,

de fato é uma invenção criativa dos diferentes agentes sociais que ocupam o espaço, portanto, é um investimento político e moral sobre o território para se ter a sensação de controle das práticas, discursos e ações. Isso provoca uma mobilidade do engendramento de práticas, símbolos e significados, tanto do que é material, quanto do que é imaterial (CORRÊA, 2004). Esta mobilidade espacial pode ser identificada no filme “Afetos de reisado”.

Dardel (2011), nas suas reflexões sobre a questão espacial na Geografia, viu a experiência humana no mundo como uma revisão “humana, interior e social” (DARDEL, 2011, p. 06) constante de significados que dispõem, à imaginação e à sensibilidade, a chance de descobrir o que inventar sobre sua cultura e sobre seu território. As inquietações e provocações que o mundo promove na subjetividade, chamadas de intimidades pelo mesmo autor, sugerem interpretações além dos limites “objetivos” ou explicações geográficas que se encerram na superfície ganhando formas diferentes no mundo. É preciso, para tanto, na busca por significados das práticas experimentadas pela subjetividade do pesquisador, do esforço para se evadir dos significados já presentes na sua percepção sobre o mundo e revisar ou aceitar outros. O pesquisador é afetado na experiência. Os seus interlocutores também são afetados. Ambos são afetados pela experiência, provocando revisões nas suas práticas sobre o cotidiano e nos seus projetos de conhecimento e significações. Para o pesquisador, perder-se, ou a “fuga de si”, é imprescindível por provocar o distanciamento e o estranhamento das interpretações espaciais que parecem óbvias (DARDEL, 2011).

O espaço, como nos lembra Dardel (2011), comporta uma imensidão de sentidos munidos de ciclos de renovações, criados pela subjetividade, matéria da vivência e da imaginação, nos lugares. O espaço, pela sua amplitude e condições de análise, pelas indicações de Dardel (2011), possui sentidos de orientação, pontos de referências e de partida. Podem ser espaços míticos “fortes” e “fracos”. Os “fortes” têm a ver com o apelo a sacralização dos lugares e os “fracos” a dinâmicas do entorno, o profano que ajuda na revisão de percepções que, só aparentemente, pareciam ser sólidas. No caso das festas de reis, é comum se priorizar as manifestações que têm forças mítico-sagradas, especialmente rituais e doutrinas que qualificam lugares e práticas como religiosas. No caso desta reflexão se usa os espaços fortes e fracos.

Além disso, para além das práticas cotidianas da festa, é pertinente considerar o indivíduo e suas práticas exercendo seus desejos, potências, vontades e afetos. O filme permite ao interlocutor que ele apareça como protagonista e de corpo inteiro. Não é sua fala que aparece, mas o seus corpos agindo e falando. O interlocutor do pesquisador que usa a videografia como método é mais ativo no processo criativo de produção da imagem. Isso

porque estes recursos permite que o corpo acione suas performances nos usos centralizados ou descentralizados do espaço geográfico e, conseqüentemente, do território.

A videografia incita a criatividade, tanto do pesquisado, quanto do pesquisador. Para Flusser (1985), o conceito de imagem não pode ser confundido com o de imagem técnica. O primeiro se refere àquela que é produzida para orientar no espaço e no tempo, resultado da imaginação que, por sua vez, se sustenta na experiência com o mundo. A segunda é mediada por programas e aparelhos. É resultado de uma intencionalidade, de uma técnica, de máquinas. Segundo o autor, é comum confundir a imagem técnica com expressão do real. De fato, a imagem técnica é um conceito que estimula a imaginação a produzir imagens, portanto, ela não é uma expressão exata do mundo. Por ser conceito, é posterior à imaginação e à imagem que é feita do mundo, sendo produto delas, assim como estimula a imaginação a produzir novas imagens. Há uma reciprocidade de afecções e intimidades entre imagem e imagem técnica, mediada pela imaginação criativa das pessoas.

Levando em consideração que a imagem técnica permite uma presença corporal mais intensa dos interlocutores no registro, entende-se que ela é uma obra produzida de forma compartilhada, resultante de contatos entre universos culturais distintos no cotidiano. O filme potencializa a prática de campo, pois, através da imagem técnica conceituada pelas experiências de campo, descortinam-se outras imagens construídas pela imaginação, tendo os interlocutores como corresponsáveis por estimular, assim como estimula-se os pesquisados.

Barbosa e Cunha (2006) compreendem que a imagem técnica na pesquisa não pode ser entendida como elemento factual ou dado empírico. Quando em processo de registro, é um ponto de partida para reflexão conjunta sobre contextos e situações que podem ou não estar presentes no material final da pesquisa. A decisão final do que entra e do que sai é do pesquisador na edição e montagem, mas sem abrir mão das opções e solicitações do interlocutor, que está sendo entendido como sendo o personagem da cena. No momento do registro, o pesquisador ocupa outra posição de decisão. Ele depende muito mais da performance do interlocutor. Aquele que aparece na frente da câmera assume sua posição de protagonista da cena e tem quase total liberdade de criar, tendo o pesquisador pouco poder de interferir, já que seu objetivo ali é saber qual o ponto de vista do personagem em foco, por se tratar de um documento que serve para uma pesquisa.

Entretanto, mesmo sendo fortemente afetado pela experiência de campo na produção das imagens, sendo os personagens também responsáveis pelo que foi produzido, o uso da imagem cobra de nós pesquisadores cuidados para eleger o que vai ser mostrado. As escolhas não podem ser aleatórias, já que comunica aspectos de um determinado território. Freitas

(2016) faz discussões acerca da problemática da imagem técnica, particularmente a videografia, ressaltando a potência que tem para suscitar desejos, afetos e reflexões. Neste caso, é muito mais do que um registro, mesmo que seja parcial. Ela estimula a imaginação, como já dito. Ela ressaltar aspectos que escapam aos olhos. Graças a métodos como a ampliação ou a desaceleração, pode-se atingir aspectos ignorados pela visão natural. Ainda que a amplitude da imagem seja metodologicamente preponderante para contar experiências, não pondera revelar “toda” autenticidade, visto que as técnicas de reprodução escondem e revelam detalhes (BENJAMIN, 1975).

As intenções comunicadas no filme viabilizaram interpretações das práticas culturais das festas de reis do ponto de vista cultural da Geografia. Embora abordagens acerca dos patrimônios culturais, materiais e imateriais desenvolvam compreensões no âmbito geográfico, considerou-se pertinente expandir a nuance cultural para experiências de campo que compreendem as dinâmicas espaciais a partir de práticas cotidianas vivenciadas pelo pesquisador (GEERTZ, 2008).

Nos termos de Geertz (2008), o pesquisador precisa interpretar a experiência do trabalho de campo levando em conta a vivência compartilhada entre pesquisador e interlocutor para poder compreender significados e práticas sociais que são inerentes ao contexto de relação intersubjetiva. Relação que é complexa, pouco estável, mutante e construída no contexto territorial das relações de poder e conflito. Portanto, a interpretação produzida pelo pesquisador é parcial, demandada e criada pelo tipo de relação produzida com seus interlocutores, assim como o mundo ao seu redor está em constante transformação multidimensional e não linear no seu ordenamento ambiental e cultural, impedindo uma abordagem completa de sua complexidade. O país, o estado, a cidade, o território, paisagem, o bairro, a rua e o indivíduo em suas relações produzem cultura em variadas escalas, espacialidades e temporalidades. O pesquisador, nestas condições, é refém de sua incapacidade de dar conta de tudo.

O que o pesquisador deve ter é a capacidade de aprender e apreender o território a partir das experiências nos lugares, revisando seu projeto de conhecimento. Parafraseando Jeanne Favret-Saada, a experiência é central no trabalho de campo, na sua modalidade de se deixar afetar por ela. Ser afetado está relacionado às experiências de habitar no lugar dos “outros”, em uma localidade, aldeias e outros lugares diferentes do seu, transformando-se de forma sinérgica em uma relação de simetria, diluindo a oposição entre “eu” e os “outros” em função das convergências e divergências cotidianas da relação (FAVRET-SAADA, 2005).

Neste caso, o afeto não se trata, puramente, em manter vínculos com as pessoas, tampouco de assumir o lugar delas em suas moradas. Não é empatia, muito menos identificação, como já dito aqui. Trata-se de experimentar, através de participações efetivas no cotidiano da festa de reis, viver com os moradores, buscando uma autenticidade que não nos iguala ao “nativo”, nem permite mais ser o mesmo de antes da experiência compartilhada com eles. A autora afirma ainda que: “Ocupar tal lugar me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem, contudo, instruir-me sobre aquela dos meus parceiros” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 59).

No processo de elaboração do filme “afetos de reisado”, já mencionado no início da seção, a observação, a roteirização, as filmagens, a captura de áudio, a transferência de imagens para computadores, a edição e a finalização permitiram conceber compreensões e produzir sentidos sobre a geografia da festa de reis. As afecções e a construção de intimidades com as pessoas que fazem a festa e a produção videográfica incitaram a construção de uma sensibilidade e percepção específica da experiência de pesquisa.

FRAMES DAS CENAS DO COTIDIANO CRIATIVO DO TERRITÓRIO DA FESTA DE REIS

O filme com os sujeitos envolvidos nos reisados pode ser assistido na internet, pela plataforma YouTube. Neste aspecto, o filme produzido fala por si, o que permite aqui uma discussão do seu processo de produção, a relação com a pesquisa e o método videográfico, já tratados aqui teoricamente, mas agora explorados de forma aplicada. Para tanto, sucederam dez dias de filmagem usando uma câmera filmadora, iluminador, microfones de lapela e microfone direcional conectado a um gravador de áudio.

As experiências já vividas pelo pesquisador nos anos anteriores ajudaram na organização de atividades intensamente vividas nestes dez dias. Já existia, portanto, um roteiro prévio do que poderia ser registrado no trabalho de campo. Mesmo assim, nas filmagens de entrevistas, são aceitas as sugestões dos interlocutores, principalmente de locais de filmagem, mas também de temas. As entrevistas ocorreram ali mesmo na casa do tirador ou responsável pelo reisado, nas casas dos capitães ou pessoas que nos receberam para apresentações, no encerramento ou cuminância de suas brincadeiras, folias e peregrinações pelas localidades. O momento da entrevista foi também oportunidade de desenvolvimento de troca de afetos e intimidades com os sujeitos, o que gerou relatos sobre suas trajetórias vividas ou seus desejos (FAVRET-SAADA, 2005; DARDEL, 2011).

A presença do pesquisador com os equipamentos de filmagem estimulou relações com os interlocutores que não existiriam sem a presença destes recursos. Logicamente que as fontes da pesquisa não se restringiam ao que era gravado. As conversas informais, o ato de compartilhar as refeições, a pesquisa documental, as experiências dos anos anteriores também forma fontes importantes. Mas a imersão no cotidiano do grupo e, conseqüentemente, nos lugares (casas de capitães ou casas de apresentações dos reisados) só foi possível graças à câmera, que permitia, mesmo nas residências lotadas de pessoas para prestigiar a “brincadeira”, abrir caminhos para que algumas coisas fossem mostradas. Como dito, a descrição territorial registrada pela câmera desvela detalhes da/na paisagem que, a “olho nu”, seriam pouco prováveis de observarmos e sentirmos. A câmera permite o enquadramento, facilitando a quem assiste não se dispersar e concentrar mais o olhar ao que está no quadro. O corpo dos interlocutores viram protagonistas e aparecem por inteiro, não só a fala transcrita, como acontece no texto.

Outra vantagem do uso do audiovisual é que, a partir das relações com os interlocutores no cotidiano, passa a ser possível olhar o mundo visível no filme estimulando a sensibilidade e os afetos do pesquisador, de modo a despertar sua curiosidade. Portanto, é uma curiosidade em movimento sobre as práticas estudadas (BESSE, 2014). É também uma curiosidade inventada nas afecções mútuas entre pesquisador e pesquisado. A partir da decupagem do material filmado, das escolhas e dos recortes de filmagens e áudios que foram usados na montagem do filme, observa-se, sem a câmera em mãos, o quão minuciosa é a filmagem. A minúcia pode ser o estímulo decisivo sobre o que mostrar da experiência vivida, aceitando que a autenticidade da imagem autoriza reinterpretções.

Diante das dificuldades com a técnica ou mesmo com a metodologia com filmes, o pesquisador assumiu vários papéis na narrativa, tais como o de narrador, observador participante, diretor, produtor, operadores de câmera, captadores de som direto, dentre outros. Os vídeos são usados para contar uma parte da experiência, com a seletividade do enquadramento (FREITAS, 2016).

Para dar conta da produção, foi preciso ajuda, mesmo que tenha sido episódica. Em alguns momentos, as intempéries foram o maior desafio, pois o período da pesquisa foi no início da quadra chuvosa da região Noroeste do Ceará. Por isso, houve momentos que os equipamentos foram transportados em um dos carros do reisado para evitar danos em decorrência da chuva e/ou mesmo em função da dificuldade de transportá-los pelo território de motocicleta. Estes fluxos permitiram o reconhecimento do território, assim como foi possível investir no convencimento dos interlocutores para participarem do trabalho, o que

proporcionou também o envolvimento no planejamento, execução e sugestões para a montagem da obra final. Este contato mais próximo também ajudou a compreender melhor as dinâmicas culturais que vão além do evento da festa. Viu-se a invenção da festa sendo produzida, participando deste processo (BESSE, 2014, p. 106).

Integrantes do reisado nos guiaram para entrar em diferentes ambientes, ajudaram na pesquisa, dando dicas de filmagens, de melhores locais e horários para filmar, nos indicando pontos sensíveis ou de tensões, indivíduos do grupo que não gostavam de ser filmados e residências onde entrar com a câmera não era autorizado. Adentrar em algumas residências para filmar pode ser uma afronta ao capitão, já que em certas situações alguém filmou sem autorização, postou na internet, fez DVD para comercialização ou fez transmissão ao vivo.

O território do reisado é dotado de fronteiras, rígidas ou porosas. Nos momentos de flexibilidade, inclusive naquelas que antes não eram autorizadas e depois o foram, que aproveitou-se para capturar imagens que nos servem de fonte reflexiva e potência para a análise geográfica (BARBOSA; CUNHA, 2006).

Após dez dias de filmagens de entrevistas e das atividades ocorrendo no cotidiano da festa, reunimos um número considerável de material videográfico, pouco mais de 300 GB (trezentos *gigabytes*) entre fotografias, vídeos e áudios. É importante lembrar que não estimou-se quanto seria armazenado em imagens e áudios. O grupo foi filmado sempre que era possível. Isso dificultou o processo de decupagem, separação de recortes de vídeos e áudios usados para edição, ou seja, aquilo apresentado no filme foi muito pouco diante da quantidade de material reunido. Mas, por outro lado, foi útil pela quantidade de material diversificado para selecionar.

Na montagem, elaborou-se um breve roteiro flexível e, logo depois, na edição, as sequências foram montadas com trechos de entrevista do contexto pesquisado, pensando como construir um roteiro lógico que mostrasse as diferentes formas de ocupar o território, sem desconsiderar as tensões e conflitos interpessoais presentes nas relações registradas. Por entendermos que os registros é que estavam conduzindo a produção do roteiro, conseqüentemente a montagem e edição proporcionou revisões contínuas dos vídeos selecionados, renovando o roteiro e reelaborando a lógica do filme.

Seria repetitivo e já é consenso saber que o filme não é a representação fiel da realidade material da prática cultural. É um conceito que fortalece o pensamento de substâncias ou agências sociais do território, práticas do cotidiano criativo em ação, a partir da retórica da paisagem videográfica.

Essa meticulosidade da produção, da edição e da montagem permitiu pensar ideias detalhadas que escapam ao olhar no campo da pesquisa, ao mesmo tempo que o olhar observa coisas não enquadradas que estimulam a reflexão sobre novos registros ou roteiro do trabalho final de montagem. O exercício de rever as imagens a cada vez garantia um novo aprendizado, produzindo um *devir-imagético* (GONÇALVES, 2009). As imagens afetavam provocando revisões no projeto de como montar o filme. A edição revelava “zonas sensíveis” da imagética fílmica que sensibilizavam. Acelera e desacelera, acrescenta e retira, escurece e clareia as imagens, aumenta e diminui o volume dos áudios. A manipulação incessante da imagem incitava os sentidos geográficos da experiência de produção da obra final, transcendendo a objetividade. Em suma, metaforicamente, a imersão no material fílmico reunido, ajudou a comunicar saberes que se sobrepõem àqueles inicialmente pensados e propiciou criar um pensamento contínuo após o trabalho de campo, produção dos registros, montagem e edição final da obra (DARDEL, 2011; BESSE, 2014).

Ao final do processo de edição, o título do filme ficou “Afetos de reisado”, que se refere às experiências compartilhadas com os interlocutores. O filme foi dividido em sequências que indicam o assunto tratado com legendas. São elas: “Tirando o reisado”; “Sequência do reisado”; “Conflitos e tensões”; “Casa do tirador”; “Mulher na Brincadeira”; “Pagando a promessa”; e “Matança do boi”.

Neste artigo é descrita uma sequência do filme com capturas de tela ou *frames* de cenas, pois a imagem ajuda a entender o contexto da cena, estimulando a imaginação do leitor. A primeira imagem se refere à sequência batizada de “Tirando o reisado”, relacionada ao processo de organização da festa. Alguns dos motivos de tirar um reisado se referem ao pagamento de promessas, a pedidos de preces para sanar problemas de saúde. Tendo suas preces atendidas, então, os devotos resolvem pagar a promessa. Esses feitos pelo fato de terem criado significados seculares. Entretanto, é preciso esforço para analisar a festa nas suas alteridades. Quem tirou o reisado terá a função de tirador. O tirador precisa reunir pessoas para formar o grupo de apresentações e encontrar indivíduos interessados em receber o reisado em suas residências. Esse *frame* da figura a seguir representa a reunião das pessoas em umas das casas que recebeu o reisado (Figura 2).

Figura 2 - Pessoas reunidas em uma das casas que recebeu o reisado para apresentação



Fonte: Moraes, 2018.

A segunda sequência tem como título “Sequência do reisado”, que consiste na sucessão temporal e linear de acontecimentos inerente ao ritual apresentado no reisado. Os ritos obedecem a cenas e incumbência dos personagens: tirador, capitão, cantores de porta, tocadores, velho, velha, caretas, poeta, magarefe, boi, burrinhas ou Zabelinhas, como pode ser visto na figura a seguir (Figura 3). Esses personagens são mais bem descritos em outros trabalhos (MORAES, 2018).

Figura 3 - O frame mostra o personagem magarefe em uma postura que representa uma parte do rito de apresentação

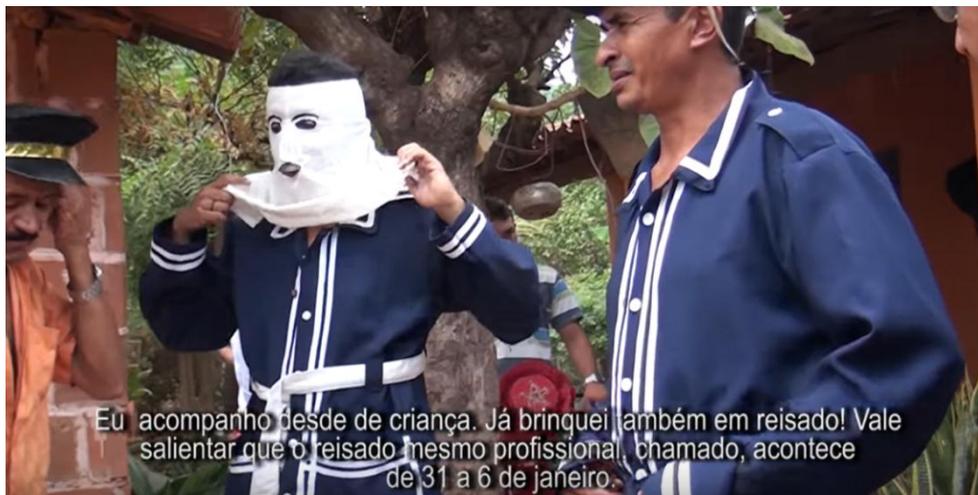


Fonte: Moraes, 2018.

A seguir, a sequência “Enredo do reisado” trata das criações artísticas individuais no contexto do grupo. O enredo, adornos, poemas, canções, encenações, rezas, banquetes, dentre outros, são ressaltados nesta parte com enquadramentos de câmera fechados, como em algumas performances (como a exibida na Figura 4), e abertos, em algumas atividades

cotidianas, arranjos na área de convivência na casa do tirador, e nas apresentações e aglomerações em praça pública.

Figura 4 - Brincantes vestindo trajes para apresentações



Fonte: Moraes, 2018.

Logo após, a sequência “Conflitos e tensões”, que trata de disputas entre brincantes no reisado. Um dos personagens, um careta, aponta relações tensas existentes entre os brincantes. Os integrantes, em outras situações, são mostrados ajustando as apresentações e ostentando instruções sobre os adornos (como visto na Figura 5).

Figura 5 - Tensões entre brincantes no ensaio



Fonte: Moraes, 2018.

Logo após, na sequência “Casa do tirador”, a residência que é o ponto de partida do reisado para apresentações em outros locais passa a ser o foco. As práticas cotidianas da casa

aparecem no filme, atreladas a uma série de dinâmicas culturais. Na figura abaixo, o *frame* apresenta brincantes na casa do tirador, após tomarem o café da manhã, afinando os instrumentos.

Figura 6 - Convivência dos brincantes na casa do tirador após o café da manhã



Fonte: Moraes, 2018.

A sequência “Mulher na Brincadeira” mostra algumas funções desempenhadas pela mulher na festa. Após algumas sugestões de pesquisadores(as) vinculados(as) ao Labome, acrescentou-se a necessidade de registrar a condição da mulher no grupo de reisado. Inicialmente, não era pretensão desta pesquisa debater de forma ampla este tema, mas é importante. Uma das atividades desempenhadas por uma das mulheres em parceria com o tirador pode ser vista na figura 7. Entretanto, é importante lembrar que as mulheres também desempenham as funções de tiradoras de reisados e cantoras de porta. Por enquanto, a experiência só deu conta de identificar essas duas funções. Outras condições são contadas no filme.

Figura 7 - Frame que mostra um dos almoços dos integrantes do reisado



Fonte: Moraes, 2018.

As duas sequências finais, “Pagando a promessa” e “Matança do boi”, abordam as práticas religiosas inerentes ao reisado e do rito de encerramento do período de festa, que dura seis dias. Comunica-se que a “matança”, o rito de encerramento, e festa dançante, eventos que ocorrem no decorrer da noite após a matança no Dia de Reis, é uma mistura, uma composição com base em critérios sociais.

Figura 8 - Cena do encerramento do reisado ou matança do boi



Fonte: Moraes, 2018.

Após algumas pré-conclusões da edição, foi assistido pela a equipe de pesquisadores do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas-LABOME com o intuito de perceber ajustes possíveis para tornar didáticas as sequências de cenas e as dinâmicas territoriais envolvidas nos lugares. As sequências de cenas exibem o cotidiano criativo do reisado. Procura-se, mostrar a criatividade cotidiana das prática da festa e não deixar o filme com imagens fixas de entrevistas com os personagens do reisado e acompanhantes.

Outro aspecto imprescindível aqui são imagens usadas em duas vertentes: a primeira instiga uma leitura dos significados por meio dos *frames* ou fotos dos brincantes, acompanhantes de reisado, dentre outros; na segunda, que é o filme, é uma acepção de imagens em movimento daquilo que já havíamos colocado em texto e fotografias. E o conceito de festa tratado imagetivamente, em movimento ou parado, potencializa uma interpretação criativa e imaginativa, territorial do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre as festas de reis na comunidade de Caraúbas, município de Graça, fizeram perceber que nessa localidade a festa se repete há muitos anos, criando e recriando dinâmicas territoriais. Elas foram aqui tratadas enquanto manifestações culturais capazes de criar múltiplas práticas culturais no cotidiano do território. A metodologia videográfica permitiu-nos refletir sobre a especificidade desta experiência e ainda levantar discussões geográficas. Para isso, faz-se necessário que o pesquisador elabore situações metodológicas criativas que lhe faça questionar as implicações geográficas presentes no território no qual está inserido.

Pretendeu-se aqui mostrar a pluralidade de relações da festa para além de rotinas e para além de seus aspectos religiosos, pensando a criatividade cotidiana e sua invenção. Esse tipo de pensar é instigado pelas experiências (contato, intimidades e afetos) entre os diferentes sujeitos que produzem o conhecimento. Assim, essa ação reflexiva compartilhada aconteceu, por um lado, pela estrutura social criada na festa e, por outro, pelas multiplicidades de dinâmicas no território que envolvem, inclusive, agências individuais. Assim, a festa de reis no espaço geográfico tem conteúdos plurais.

No filme atenta-se para uma acepção de imagens que estimularam outras produções (MORAES, 2018). O texto e o filme são linguagens que permitem uma conceituação das experiências no território, resguardando suas especificidades. Entretanto, os filmes, em uma sociedade que tem pouca preocupação com a leitura, propicia um alcance que vai além da esfera especialista, pois a imagem afeta uma diversidade bem maior de pessoas de diferentes classes sociais.

Este é o desafio aqui posto para a Geografia: o uso de outras linguagens e métodos. O diálogo entre a linguagem textual preponderante na academia com a imagem técnica pode, portanto, acrescentar muito à forma de ver, refletir e ler geografia. A leitura objetivada para o território, com uso de videografia, forneceu uma análise alternativa da cultura, com potencialidades infinitas.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Traduzido por Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Anbréia; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In: Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1975.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORRÊA, Aureanice de Mello. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global**. 2004. Tese de doutorado (Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad.: por Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Tradução Werther. Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

FREITAS, Nilson Almino. Odores da cidade: pesquisa videográfica sobre o olfato e a memória. 2016. *In: FREITAS, Nilson Almino; RAICK, Regina Celi Fonseca (orgs.). Outros Sentidos e visualidade*. Sobral: EDUVA, 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Trad.: Paula Siqueira. Rio de Janeiro: caderno de campo, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott (Org.). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

MORAES, Antonio Jarbas Barros de; FREITAS, Nilson Almino de. Espacialidades e seletividade do sagrado no reisado de Caraúbas (Graça/CE): “a casa do capitão”. *In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Anais...* Porto Alegre, 2017.

MORAES, Antonio Jarbas Barros. **Afetos e territorializações na “brincadeira de reisado” de Caraúbas (Graça - CE)**. 2018. 191 f. Dissertação de Mestrado (Geografia) – Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Ceará, 2018.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – MAG/UVA, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela concessão de um ano de bolsa e ao Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas-LABOME.